

4

Procedimentos Metodológicos

Antes de mergulhar no capítulo das análises faz-se necessário esclarecer como se deu o processo de investigação, ou seja, quais foram os procedimentos metodológicos utilizados. Assim sendo, apresento o caminho percorrido até chegar à produção desta dissertação de mestrado.

Tomando como ponto de partida parâmetros de pesquisa mais amplos e flexíveis Lincoln e Guba (1985), Becker (1993), Brito e Leonardos (2001), Gatti (2001, 2002), optei por descrever os caminhos trilhados em meu trabalho sem prescrevê-lo rigidamente num modelo de pesquisa. Para tanto as escolhas metodológicas empreendidas só têm função em relação ao objeto em questão.

Ciente de que toda pesquisa é sempre fruto de seu tempo, e que “... *pesquisa e pesquisador estão naturalmente mergulhados na corrente da vida em sociedade, com suas concepções, interesses e ambições ao lado da legítima busca do conhecimento científico*” (Pedro Demo apud Lüdke, 1986, p. 2), assumo as possíveis interferências de minhas subjetividades nas análises apresentadas.

O universo da educação esteve, sempre, presente no corpo de minhas investidas, reflexões e ações profissionais. Ocorre que, igualmente, sou uma pessoa do teatro e, por conseguinte, também falo a partir desse lugar. Nesse sentido irei refletir no presente trabalho de pesquisa alguns valores e princípios considerados importantes tanto num campo do conhecimento quanto no outro. Portanto, admito a carga de subjetividade que trago comigo e que expresso nesse trabalho, considerando com isso a possibilidade de outras leituras. Ainda de acordo com Lüdke:

“... não há possibilidade de estabelecer uma separação nítida e asséptica entre o pesquisador e o que ele estuda, e também os resultados do que ele estuda. Ele não se abriga em uma posição de neutralidade científica, pois está implicado necessariamente nos fenômenos que conhece e nas conseqüências desse conhecimento que ajudou a estabelecer” (1986, p. 5).

A opção por estudar o Pátio da Fantasia denota a importância que destino a ele e ao papel da arte na formação dos seres humanos. Essa, no momento, é a minha visão de mundo, principalmente enquanto profissional, e isso não pode ser ignorado. Contudo, busquei controlar a subjetividade, exercendo uma vigilância

crítica em minhas reflexões. Empenhei-me no compromisso com a realidade na construção das análises e zelei pelo rigor, indispensável a toda atividade de pesquisa.

O desejo de perceber como se deram as ações e as práticas do Projeto Pátio da Fantasia num contexto específico, me levou a optar pela pesquisa qualitativa. Segundo Bodgan e Bilklen (apud André e Ludke, 1986, p. 11 a 13) as pesquisas qualitativas têm cinco características básicas que as configuram: 1) o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; 2) os dados coletados são predominantemente descritivos; 3) a preocupação com o processo é muito maior que com o produto; 4) o ‘significado’ que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; e 5) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Dentre essas cinco características as três últimas, em especial, habitaram o presente trabalho.

As questões que encorpam e direcionaram meu olhar para entender o trabalho desenvolvido pelo Projeto Pátio da Fantasia foram:

- 1) *Como o Projeto Pátio da Fantasia elaborou produções artísticas de natureza teatral tendo como princípio poético o respeito às diferenças das crianças e das crianças com deficiência?*
- 2) *Com quais limitações e possibilidades essas produções artísticas se depararam?*
- 3) *Que recomendações as experiências realizadas nos deixaram como contribuição para futuros trabalhos com esse público?*

Avaliando as possibilidades de instrumentos de coleta a serem utilizados, escolhi desenvolver este trabalho com o amparo do material documentado pelo Pátio da Fantasia e das entrevistas semi-estruturadas realizadas com alguns ex-integrantes e com alguns profissionais das instituições participantes do Projeto estudado. A opção pelas entrevistas semi-estruturadas justifica-se pela possibilidade de perceber a subjetividade dos sujeitos que foram entrevistados, considero e privilegio os significados e sentidos dados pelos informantes às experiências e ao trabalho desenvolvido pelo e no Pátio da Fantasia. Isto é, como eles percebiam e compreendiam as ações desenvolvidas no Pátio. Tal escolha

também se justifica pela possibilidade de poder investigar os caminhos traçados por esses sujeitos no Projeto em estudo. Como afirma Duarte:

“Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados” (2004, p. 215).

Após cada entrevista fiz anotações sobre como os encontros com os informantes aconteceram e sobre as reações que estes tiveram ao longo da conversa. Julguei necessário acrescentar anotações pessoais sobre como percebi cada entrevista por concordar com Thiollent (1980) quando este diz que o entrevistador precisa ter uma “atenção flutuante”, estando atento não apenas ao roteiro estabelecido e às respostas verbais, mas a “... toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não-verbais, hesitações, alterações de ritmo, enfim, toda uma comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito” (apud Lüdke, 1986, p. 36).

A escolha do material documental veio como justificativa para informar, respaldar e confirmar os meandros da História do Pátio da Fantasia. Sobre esse tipo de instrumento, Guba e Lincoln, citados por Lüdke (Ibid., p. 39), concordam que ele apresenta muitas vantagens por ser uma fonte de informações estável e rica, dando maior respaldo aos resultados obtidos nos estudos. Eles resumem suas defesas ao uso de documentos afirmando que uma fonte repleta de informações sobre a natureza do contexto estudado nunca deve ser ignorada, quaisquer que sejam os outros métodos de investigação escolhidos.

A escolha dos sujeitos da pesquisa se deu da seguinte maneira: para ter uma visão mais ampla e aprofundada a respeito das ações do Pátio, julguei ser imprescindível obter informações tanto das pessoas que participaram diretamente desse Projeto, quanto das pessoas que, como representantes das instituições profissionais freqüentadas pelo Pátio, poderiam me mostrar outros olhares a respeito de suas práticas. Entretanto, tinha uma dificuldade para resolver, porque, no total, daria um grupo muito grande de informantes, o qual eu não teria

condições de absorver. Então como selecionar, dentro deste grande grupo, as pessoas que seriam minhas informantes? Além disso, como juntar pessoas que vivenciaram, direta ou indiretamente, um Projeto que iniciou suas atividades há pelo menos 10 anos atrás?

O primeiro passo foi definir as características desses dois grupos de pessoas a serem entrevistadas. Decidi que no grupo dos ex-integrantes do Pátio eu teria que tentar entrevistar os coordenadores dos subgrupos⁶⁶ e ao menos dois ou três integrantes de cada subgrupo. Se eu tivesse três de cada quadro do Pátio já comporia um total de 12 informantes. Além deles eu achei imprescindível fazer a entrevista com a professora que dividia a coordenação geral do Projeto do Pátio com o Profº Marco Camarotti, ela iria me sinalizar o que acontecia por trás dos bastidores de todas as ações do Projeto. Na prática, eu não consegui entrevistar todos os coordenadores dos subgrupos do Pátio, mas em compensação consegui encontrar 5 componentes do subgrupo que preparava seu quadro teatral para crianças hospitalizadas; 7 componentes do quadro para crianças cegas; 5 componentes do quadro para crianças com deficiência mental e 3 pessoas que representavam o quadro para crianças surdas⁶⁷. No total foram entrevistados 14 ex-integrantes.

O perfil dos entrevistados ex-integrantes do Pátio pode ser assim definido: a maioria era estudante do Curso de Licenciatura em Educação Artística/Habilitação em Artes Cênicas da UFPE, 11 no total, na época em que as ações do Pátio foram realizadas. Hoje, 9 dessas pessoas trabalham como atores, diretores e/ou professores de teatro. Duas pessoas dentro desse grupo tomaram rumos profissionais um pouco diferenciados dos outros, uma pessoa trabalha como funcionário público e outra cursa uma faculdade de administração e não trabalha mais na área teatral. Dos três restantes que compuseram o quadro de informantes deste trabalho, um era ator e veio do meio teatral da cidade de Recife, e o outro era psicólogo de formação, mas não exerceu a função de psicólogo no grupo, trabalhava como ator. Além deles, contamos também com o depoimento de uma professora universitária do curso acima citado.

⁶⁶ Num determinado momento de seu trabalho, a equipe do Pátio da Fantasia se subdividiu em quatro subgrupos para que cada um compusesse um quadro teatral que atenderia mais especificamente uma das necessidades das crianças com deficiência.

⁶⁷ Algumas dessas pessoas faziam parte de dois subgrupos, ou seja, trabalhavam em dois quadros teatrais. No total entrevistei 14 ex-integrantes do Projeto.

Em relação às instituições, eu tinha uma grande lista de escolas nas quais poderia ir, mas levando em consideração a fluidez da permanência de professores nas unidades escolares, o largo tempo passado, e a pouca possibilidade de encontrar professores que tenham tido relação com o Projeto estudado, decidi escolher as instituições pelas quais o Projeto não apenas passou com algumas apresentações, mas estabeleceu vínculos maiores, ou seja, esteve mais perto desde o período de pesquisa e de investigação sobre as especificidades das pessoas com deficiência. Assim decidido, as instituições escolhidas foram: Instituto dos Cegos de Pernambuco; Hospital das Clínicas de Pernambuco; Centro Suvag de Pernambuco; e a Escola Especial Ulisses Pernambucano. Nestas instituições o Pátio da Fantasia não só fez apresentações como também participou de oficinas e as ofereceu, fomentando uma proposta de troca de conhecimentos.

Eleitas as instituições, o desafio agora era pensar que profissionais dentro delas escolher. Depois de muitas reflexões decidi selecionar um profissional de cada uma, privilegiando aqueles que, dentro do contexto atual, julguei serem os que mais conheciam ou tiveram aproximações com as ações do Pátio. Os profissionais escolhidos foram: uma Professora do Instituto dos Cegos⁶⁸ que, na época em que o Projeto do Pátio estava em fase de preparação, ministrou uma oficina de Braille para a equipe do Pátio e também compartilhou alguns modos de ser, perceber e estar no mundo enquanto cego. Além disso, essa professora acompanhou de perto algumas apresentações realizadas neste mesmo Instituto. Outro representante foi um psicólogo da Pediatria do Hospital das Clínicas. Durante o período em que o Pátio interagiu com as crianças internadas neste hospital, tal psicólogo compartilhou, com maior proximidade, os processos vividos. Este informante foi uma das pessoas que ajudou a equipe do Pátio a se estabelecer na Instituição Hospitalar, sinalizando desde os cuidados relativos ao ambiente hospitalar até a saúde das crianças. Além disso, também era a pessoa que repassava como tinha sido o feedback das crianças depois das apresentações, então ele indicava os ecos deixados pelo Pátio na instituição após o término de cada encontro. Na Escola Especial Ulisses Pernambucano, escolhi entrevistar uma representante da direção desta escola, que na época das intervenções do Pátio

⁶⁸ Essa professora é cega e seu depoimento foi especialmente rico porque, além dela opinar sobre a recepção e/ou os significados que pais e alunos do Instituto dos Cegos deram aos quadros teatrais do Projeto do Pátio, ela relatou sua própria experiência de participar de um espetáculo de teatro voltado para crianças que não vêem.

ocupava a função de vice-diretora. Por fim, a última representante falava em nome da comunidade de surdos, mas além desta comunidade, também respondia pelas ações políticas realizadas pela Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, pois na época do Pátio ela estava ocupando o cargo da Diretoria de Educação Especial. Tal informante foi por duas vezes Diretora Executiva de Educação Especial do Governo do Estado de Pernambuco em gestões distintas.

No quadro abaixo, sintetizo os perfis dos informantes desta pesquisa:

Perfis	Aspectos Comuns	Aspectos Diferentes
Ex-Integrantes (8 mulheres e 6 homens)	11 Ex-estudantes do curso de Lic. em Artes cênicas; Hoje professores, atores e diretores de teatro	1 - Psicólogo; 1 - Ator; 1- Professora Universitária
Representantes das Instituições (3 mulheres e 1 homem)	2 pessoas com formação em Pedagogia e 3 em Psicologia	1 - Direção da Escola Ulisses Pernambucano 1 - Prof ^a . Inst. dos Cegos 1 - Psicólogo da Pediatria do Hospital das Clínicas 1 - Direção do Centro Suvag; e representante da Secretaria de Educação PE

Para realizar as entrevistas elaborei roteiros⁶⁹ em função dos objetivos de meu trabalho. Como tinha dois grupos para entrevistar com olhares diferentes a respeito do Pátio, diferenciei os roteiros de um grupo e de outro. No roteiro destinado aos ex-integrantes do Projeto estudado busquei saber sobre detalhes dos processos de estudos/pesquisas, ou seja, os processos de preparação anteriores às apresentações; questionei sobre como eles percebiam as apresentações, como era a recepção das crianças segundo os pontos de vista deles, etc.. Também fiz uma diferenciação na entrevista da professora universitária que coordenava o Projeto estudado. O objetivo foi encontrar em sua fala especificidades que diziam respeito aos processos de criação e de construção da metodologia de trabalho criada para o desenvolvimento do Projeto do Pátio junto ao Prof^o Camarotti. Já no roteiro destinado aos profissionais das instituições a preocupação maior residia em entender como eles, com o olhar de quem está de fora, percebiam o trabalho desenvolvido pelo Pátio da Fantasia.

⁶⁹ Os roteiros das entrevistas encontram-se em anexo.

As entrevistas com os ex-integrantes do Pátio tiveram durações bem diferenciadas. Mas, de um modo geral, posso dizer que elas oscilaram entre 40min à 1h 30min. Já as entrevistas com os profissionais das instituições foram mais sucintas, com durações oscilando entre 15 e 30 minutos.

Realizei o trabalho de campo em 20 dias. Comuniquei-me com os possíveis sujeitos da pesquisa anteriormente, através de e-mail. Quando cheguei a Recife, a maioria deles já aguardava minha ligação telefônica. Deixei o lugar de encontro para realização das entrevistas à escolha dos informantes. Então elas aconteceram em lugares diversos, sempre privilegiando a facilidade de acesso do informante ao lugar de encontro. Pois bem, os locais de entrevista foram: quatro delas aconteceram nas residências dos entrevistados; três em praças de alimentação de pequenos shoppings⁷⁰; duas em uma biblioteca pública; duas na UFPE; uma numa livraria; duas no Instituto dos Cegos; uma numa unidade do SESC de Pernambuco; uma no SUVAG; uma no Hospital das Clínicas e a última na Escola Ulisses Pernambucano⁷¹. Fiz cerca de duas e, às vezes, três entrevistas por dia, o que tornou a tarefa muito cansativa.

O grupo de entrevistados que denomino de ex-integrantes tinham vínculos afetivos muito fortes com o Pátio. Quase todos eles se sentiram honrados, felizes e muito emocionados por estarem participando desta pesquisa. Todos ficaram aliviados por ver a experiência vivida no Pátio ser registrada de maneira sistemática e ganhar um respaldo acadêmico.

Fui integrante do Pátio da Fantasia e o exercício de distanciamento de um projeto do qual fiz parte foi muito difícil, exigindo de mim eterno autopolicimento. A força com que o Projeto do Pátio tocou e transformou a vida de alguns de seus integrantes foi tão grande que acabou levando-os para caminhos profissionais muito diferenciados daquilo que eles mesmos planejavam. Muitas pessoas se descobriram profissionalmente neste Projeto. Além disso, a maioria de seus ex-integrantes estava começando sua carreira profissional e responsabilizou o Pátio por muitas aprendizagens significativas. Desse contexto resultou que vários

⁷⁰ Esses shoppings eram pequenos e os encontros aconteceram em horários com pouca circulação de pessoas, de modo que não tinha barulho intenso no local.

⁷¹ As entrevistas realizadas com os profissionais das instituições aconteceram em seus ambientes de trabalho, mas isso não foi empecilho para o bom desenvolvimento das mesmas. Apenas uma das entrevistas foi desmarcada devido à necessidade do informante cumprir suas obrigações profissionais, mas no dia seguinte essa pessoa me recebeu.

informantes debitavam ao Pátio da Fantasia responsabilidades por dar profundidade às suas formações.

A maioria dos relatos aconteceu de forma bastante emocionada, mas certas situações de entrevistas mexeram comigo de maneira mais enfática porque alguns informantes não contiveram as lágrimas ao relatar as experiências vividas. Eu, diante desse contexto, não sabia exatamente como reagir. Como essas situações me pegaram de surpresa, ou seja, não previa que alguns entrevistados se emocionariam tanto, optei por acolher o choro dos informantes em silêncio, dando tempo para as pessoas se restabelecerem. Foram momentos muito difíceis para mim enquanto pesquisadora, porque ao mesmo tempo em que as falas dos informantes me traziam detalhes do trabalho do Pátio por mim desconhecidos, elas também traziam lembranças das quais eu compartilhava ou nas quais eu fazia parte do contexto como ex-integrante que também sou. A autovigilância e a eterna busca por distanciamento me traziam um forte cansaço depois de um dia de entrevistas e me deixava em pleno estado de exaustão.

Apesar disso, acredito que a proximidade com o objeto de estudos contribuiu para o enriquecimento dos resultados do trabalho agora apresentado. Em relação à proximidade com algumas pessoas que entrevistei acredito que ela tenha me ajudado a dar profundidade ao conhecimento que buscava. Sobre a familiaridade pesquisador/pesquisado, Bourdieu (1998) traz um esclarecimento que ajuda a entender os pormenores da questão:

“(...) Quando o interrogador está socialmente próximo daquele que interroga, ele lhe dá, por sua permutabilidade com ele, garantias contra a ameaça de ver suas razões subjetivas reduzidas a causas objetivas, suas escolhas vividas, como livres (...). Por outro lado, encontra-se também assegurado neste caso um acordo imediato e continuamente confirmado sobre os pressupostos concernentes aos conteúdos e às formas da comunicação: esse acordo se afirma na emissão apropriada, sempre difícil de ser produzida de maneira consciente e intencional, de todos os sinais não verbais, coordenados com os sinais verbais, que indicam quer como o enunciado deve ser interpretado, quer como ele foi interpretado pelo interlocutor” (1998, p. 697).

Viajei para Recife em busca do trabalho de campo em junho de 2007. Passei 20 dias realizando esse trabalho de coleta de materiais. Quando voltei para ao Rio com o material coletado na bagagem, iniciei o processo de transcrição das entrevistas e de leitura dos documentos. Mas isso não ocorreu logo quando

cheguei, não consegui iniciar imediatamente a depuração dos materiais. Os reencontros com amigos e conhecidos da época da universidade, o levantamento das lembranças do Pátio e o contato posterior das pessoas me escrevendo por e-mail para relatar a satisfação de terem encontrado comigo para falar sobre este assunto, me deixaram imbuída de fortes emoções. Optei por esperar um tempo, procurei descansar e assentar as informações obtidas. Um mês depois de minha chegada ao Rio de Janeiro iniciei o processo de transcrição das entrevistas que foi extremamente árduo e demorado. O resgate da história do Pátio já tinha sido iniciado por mim meses antes da realização das entrevistas. Gastei cerca de quatro meses para estruturar todo o material coletado.

Transcrevi as entrevistas na íntegra, mas quando fui utilizar trechos delas no corpo desta dissertação fiz algumas edições, como por exemplo: frases com sentido incompleto foram excluídas ou complementadas, visando esclarecer os significados que o informante pretendeu dar; vícios de linguagem foram retirados; expressões típicas do lugar/cidade dos informantes foram adaptadas; enfim, fiz alguns ajustes, mas sempre atenta ao cuidado de não trazer prejuízo para o conteúdo e para as colocações dos entrevistados. Quanto a essa opção metodológica Duarte (2004) esclarece que só é útil preservar as falas *ipsis literis* quando se está fazendo uma análise do discurso do sujeito. Caso contrário, a descrição literal das entrevistas servirá apenas para expor os informantes e cansar o leitor com um texto fatigante e carregado.

Diante de uma vasta gama de materiais disponíveis precisei selecionar aqueles que serviriam mais diretamente aos interesses da pesquisa ora apresentada. Dispunha de 13 fitas de vídeo e de 210 fotografias contendo imagens de treinamentos, apresentações e oficinas realizadas pelo Pátio da Fantasia; documentos como: cadernos de anotações, atas de reuniões, declarações, ofícios, recibos, relatórios, anotações de alguns integrantes do Projeto, cartas, várias versões escritas do Projeto Pátio da Fantasia, artigos, reportagens de jornal, folder para divulgação dos espetáculos, listas de temas para seminários e palestras, planejamentos e cronogramas de atividades, atas de reuniões internas do Projeto e atas de alguns Colegiados de Educação Especial, relações das escolas para intervenção do Pátio da Fantasia e textos dos quadros teatrais.

Entrevistei um total de 18 pessoas, dentre elas 14 foram integrantes do Pátio da Fantasia e 4 representantes de Instituições participantes do Projeto.

Dentro desse grupo 7 são homens, com idades entre 27 e 49 anos; e 11 mulheres, com idades entre 25 e 50 anos.

Coloquei à disposição desta investigação uma grande massa de informações, mas não utilizei todas, o que não seria possível dentro dos limites desta proposta de trabalho. Busquei utilizar aquilo que respondia/atendia aos interesses da pesquisa. Segundo Duarte (2004) as informações obtidas nas entrevistas são utilizadas pelo pesquisador levando em consideração os objetivos da pesquisa. O que significa dizer que, diante da grande quantidade de informações obtidas, muitos aspectos são descartados porque aproveitar tudo que emerge nas entrevistas seria inviável para o cumprimento dos fins propostos para a investigação.

Pois bem, no tratamento das entrevistas busquei ressaltar tanto o que era recorrente quanto o que saltava como diferença. As relações de semelhança e de diferença presentes nas entrevistas sustentaram as minhas interpretações. Mas, além disso, e no intuito de buscar relacioná-las umas com as outras a partir daquilo que compreendia como o que era próximo e o que era distante entre elas, para analisá-las e para construir essa pesquisa precisei recortá-las. Recortando-as e tecendo novas costuras, que apontavam para a construção de uma trama maior, alinhavei sentidos expressos nos depoimentos que, necessariamente, não foram feitos individualmente por cada informante.

Findadas as transcrições e a seleção do material coletado, iniciei o percurso das análises. Algumas categorias de análise foram esboçadas no início de minhas reflexões, mas ao longo do processo de investigação elas foram se reformulando e se acomodando melhor aos interesses e processos dessa pesquisa. Esse processo é chamado de indutivo, ou seja, os eixos de análise não são rigidamente fechados a priori (Lüdke e André, 1986), mas vão se construindo a partir do que emerge durante as investigações, sem nunca perder de vista os objetivos da pesquisa.

O uso do material documental no processo de análise se deu mais especificamente para ajudar na reconstituição da História do Pátio da Fantasia e na confirmação de informações trazidas nas entrevistas.

No tratamento dos materiais coletados trabalhei com o método hermenêutico-dialético, por considerá-lo o melhor para abranger o amplo e complexo universo estudado dando conta de uma interpretação mais aproximada da realidade. Este método não determina técnicas de tratamento de materiais e sim

sua autocompreensão. Ele é um “caminho de pensamento”. Para Gadamer, citado por Minayo (2004, p. 220), a hermenêutica é a busca de compreensão de sentido que se dá na comunicação entre os seres humanos dentro de um determinado grupo social, num determinado tempo histórico e em determinadas condições sociais, considerando que os sujeitos nunca escapam da história. Ao contrário disso, fazem parte dela, sofrendo os conceitos e preconceitos de seu tempo. Em relação aos outros métodos de análise de materiais, a hermenêutica-dialética se diferencia e se mostra mais eficiente justamente por validar a análise em contexto.

Minayo nos apresenta um caminho possível para a tarefa interpretativa na análise hermenêutica, pontuando que o pesquisador deve preocupar-se em: 1) Diferenciar a compreensão do contexto da comunicação, da compreensão do contexto do próprio pesquisador; 2) Explorar e deduzir as definições de situação que o texto transmitido permite, a partir do mundo da vida do autor e de seu grupo social; 3) O pesquisador só pode compreender o conteúdo significativo de um texto quando está em condições de tornar presentes as razões que o autor teria para elaborá-lo, ou seja, ele busca entender porque o autor do texto o apresenta dessa forma e não de outra; 4) Ao mesmo tempo em que o analista busca entender o texto, tem que julgá-lo e tomar posição em relação a ele (2004, p. 222).

Em resumo, o método hermenêutico-dialético busca a compreensão do texto nele mesmo. Ele coloca a fala em seu contexto para entendê-la a partir de seu interior e no raio da especificidade histórica em que é produzida. Minayo utiliza a expressão “entender-se na coisa”, ultrapassando a simples tarefa de ser uma ferramenta de pensamento. Acrescenta ainda que a hermenêutica-dialética:

“... leva a que o intérprete busque entender o texto, a fala, o depoimento como resultado de um processo social e de um processo de conhecimento, ambos frutos de múltiplas determinações, mas com significado específico. Esse texto é a representação social de uma realidade que se mostra e se esconde na comunicação, onde o autor e o intérprete são parte de um mesmo contexto ético-político e onde o acordo subsiste ao mesmo tempo que as tensões e perturbações sociais” (2004, p. 227-228).

Por fim, a escolha da hermenêutica-dialética como um caminho de pensamento para a interpretação de nossos materiais reafirma a nossa crença na pesquisa não como um ponto de chegada definitiva e intransponível, mas como um ponto de chegada que se assume, dialeticamente, também como ponto de partida para novos olhares investigativos.